

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Silkworm*

Autor: *Robert Galbraith*

Copyright © 2014 Robert Galbraith Limited

Os direitos de Robert Galbraith como autor desta obra estão certificados

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Ana Saldanha*

Design e fotografia da capa: *Sian Wilson*; © Little Brown Book Company Limited 2014

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 385 575/14

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2015

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

As personagens e os acontecimentos descritos nesta obra que não sejam os que se encontram no domínio público são fictícios e qualquer semelhança com pessoas vivas ou falecidas é pura coincidência.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento de informação, sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário.

«Oh Santa!» (pág. 387): Letra e música de Mariah Carey, Bryan Michael Paul Cox e Jermaine Mauldin Dupri

© 2010, reproduzido sob autorização de EMI Music Publishing Ltd., London W1F 9LD

© 2010 W.B.M. MUSIC CORP. (SESAC) AND SONGS IN THE KEY OF B FLAT, INC. (SESAC) ALL RIGHTS ON BEHALF OF ITSELF AND SONGS IN THE KEY OF B FLAT, INC. ADMINISTERED BY W.B.M. MUSIC CORP.

© 2010 Published by Universal/MCA Music Ltd.

«Love You More» (pág. 196): Letra e música de Oritsé Williams, Marvin Humes, Jonathan Gill, Aston Merrygold, Toby Gad e Wayne Hector

© 2010 BMG FM Music Ltd., uma empresa BMG Chrysalis / BMG Rights Management UK Ltd., uma empresa BMG Chrysalis / EMI Music Publishing Ltd.

Todos os direitos reservados. Copyright Internacional assegurado.

Reproduzido sob autorização de Music Sales Limited / Reproduzido sob autorização de EMI Music Publishing Ltd., London W1F 9LD

*Para o Jenkins,  
sem quem...  
ele sabe o resto*

... uma história de vingança e morte,  
uma espada ensanguentada, a pena que escreve,  
e o poeta um terrível sujeito trágico,  
ostentando na cabeça não uma coroa de louros  
mas uma mecha flamejante.

*The Noble Spanish Soldier*  
Thomas Dekker

# 1

PERGUNTA

De que vos alimentais?

RESPOSTA

De sono interrompido

Thomas Dekker, *The Noble Spanish Soldier*

— Só espero que alguém famoso como o caraças — disse a voz rouca do outro lado da linha — tenha morrido, Strike.

O homem grande e com a barba por fazer que caminhava na escuridão da madrugada com o telemóvel encostado ao ouvido sorriu.

— Não anda longe disso.

— São seis da manhã, que diabo!

— São seis e meia, mas se quer o que eu tenho, vai ter de o vir buscar — disse Cormoran Strike. — Não estou longe da sua casa. Há um...

— Como é que soube onde eu vivo? — a voz exigiu saber.

— Porque você me disse — explicou Strike, suprimindo um bocejo. — Vai vender o seu apartamento.

— Oh — disse o outro, amolecido. — Boa memória.

— Há um café aberto vinte e quatro ho...

— Que se lixe isso. Venha ao escritório mais tarde...

— Culpepper, tenho outro cliente hoje de manhã, ele paga melhor do que você e eu estive a pé toda a noite. Você precisa disto agora, se quer usá-lo.

Um gemido. Strike ouviu o restolhar de lençóis.

— Só espero que sejam notícias escaldantes.

— No Café Smithfield, em Long Lane — disse Strike, e desligou.

O seu ligeiro coxeio tornou-se mais pronunciado ao descer a encosta em direção ao Mercado de Smithfield, monolítico na escuridão do inverno, um vasto templo vitoriano de forma retangular dedicado à carne, onde, a partir das quatro da manhã aos dias de semana, a carne de animais era desde há séculos descarregada, cortada, embalada e vendida a talhos e restaurantes por toda a cidade de Londres. Strike ouvia vozes na escuridão, instruções berradas e os rancos e apitos de camiões a fazerem inversão de marcha para descarregarem as carcaças de animais. Ao entrar em Long Lane, parecia meramente um dos muitos homens bem protegidos contra o frio que já tinham metido mãos ao trabalho naquela segunda-feira de manhã.

Um grupo de carregadores com casacos fluorescentes e canecas de chá nas mãos enluvadas estava por baixo de um grifo de pedra que montava guarda numa das esquinas do edifício do mercado. Do outro lado da rua, a brilhar como uma lareira aberta contra a escuridão envolvente, estava o Café Smithfield, aberto vinte e quatro horas por dia, um oásis de calor e de comida gordurosa do tamanho de um armário.

O café não tinha casa de banho, mas os seus clientes podiam usar a da loja de apostas algumas portas adiante. Porém, como a loja de apostas Ladbrokes só abriria daí a três horas, Strike fez um desvio, enfiando por uma travessa, e junto a um portal escuro aliviou a bexiga cheia quase a rebentar de café fraco bebido no decurso de uma noite de trabalho. Exausto e cheio de fome, com o prazer que só um homem que se forçou a ultrapassar os seus limites físicos pode sentir, entrou por fim na atmosfera saturada de gordura de ovos estrelados e *bacon* frito.

Dois homens vestindo casacos de lã e impermeáveis tinham acabado de deixar uma mesa livre. Strike encaixou o seu corpanzil no pequeno espaço e deixou-se tombar, com um grunhido de satisfação, na dura cadeira de madeira e metal. Quase antes de Strike pedir o que queria, o proprietário italiano pôs-lhe à frente uma grande caneca branca com chá, acompanhado por triângulos de pão branco com manteiga. Daí a cinco minutos estava à sua frente um pequeno-almoço inglês completo numa grande travessa oval.

Strike não destoava dos homens fortes que entravam e saíam do café. Era grande e moreno, tinha cabelo espesso, curto e encara-

colado, com entradas na testa alta e abobadada que encimava um nariz largo de pugilista, e sobranceiras espessas e arrogantes. Tinha o queixo sujo da barba por fazer e umas olheiras da cor de pisaduras faziam os seus olhos escuros parecerem maiores. Comeu a olhar sonhadoramente para o edifício do mercado do outro lado da rua. A entrada em arco mais próxima, com o número dois, começava a ganhar substância à medida que a escuridão se ia desvanecendo: um rosto duro de pedra, antigo e com barba por cima do arco da entrada devolvia-lhe o olhar fixo. Alguma vez teria havido um deus das carcaças de animais?

Tinha começado a comer as salsichas quando Dominic Culpepper chegou. O jornalista era quase tão alto como Strike, mas magro, com a pele de um menino de coro. Uma estranha assimetria, como se alguém lhe tivesse torcido o rosto no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, impedia que fosse bonito como uma menina.

— Espero bem que o que me traz seja bom — disse Culpepper enquanto se sentava, tirava as luvas e olhava quase com suspeita à sua volta.

— Quer comer? — perguntou Strike com a boca cheia de salsicha.

— Não — disse Culpepper.

— Prefere esperar até poder arranjar um *croissant*? — perguntou Strike com um sorriso trocista.

— Vá-se lixar, Strike.

Era quase pateticamente fácil irritar o ex-menino de colégio particular, que mandou vir chá com um ar de desafio, chamando ao empregado de mesa indiferente (como Strike notou, divertido) «ó amigo».

— Então? — perguntou Culpepper, com a caneca de chá quente nas suas longas mãos pálidas.

Strike enfiou a mão no bolso do sobretudo, tirou um envelope e passou-lho sobre a mesa. Culpepper tirou o seu conteúdo e começou a ler.

— Fogo — disse em voz baixa ao fim de uns momentos. Folheou febrilmente os papéis, alguns dos quais estavam cobertos com a letra de Strike. — Onde raio é que arranjou isto?

Strike, que tinha a boca cheia de salsicha, apontou com um dedo para um dos papéis, no qual estava escrevinhado um endereço de um escritório.

— Foi a assistente pessoal dele — disse, quando finalmente engoliu. — Ele tem andado a comê-la, para além das duas de que você já sabia. Ela acabou de se capacitar de que não vai ser a próxima Lady Parker.

— Como raio é que você descobriu *isso*? — perguntou Culpepper, fitando Strike por cima dos papéis que tremiam nas suas mãos excitadas.

— Trabalho de detetive — disse Strike com a voz embargada por mais um pedaço de salsicha. — Os da sua laia não costumavam fazer isso, antes de começarem a subcontratar tipos como eu? Mas ela tem de pensar nas perspectivas de emprego futuro, Culpepper, por isso não quer aparecer na história, entendido?

Culpepper resfolegou.

— Ela devia ter pensado nisso antes de palmar...

Com um movimento destro, Strike arrancou os papéis aos dedos do jornalista.

— Ela não os palmou. Ele mandou-a imprimir-los esta tarde. A única coisa que ela fez de mal foi mostrar-mos. Mas se vai esparrear a vida privada dela nos jornais, Culpepper, eu fico com eles.

— Não me lixe — disse Culpepper, estendendo a mão para as provas de evasão fiscal por atacado que Strike tinha na mão peluda. — Está bem, deixamo-la de fora. Mas ele vai ficar a saber onde arranjámos isto. Não é parvo de todo.

— O que é que ele vai fazer, levá-la a tribunal, onde ela pode dar com a língua nos dentes sobre todas as outras coisas duvidosas que presenciou nos últimos cinco anos?

— Muito bem — suspirou Culpepper após um momento de reflexão. Dê-mos cá. Eu deixo-a de fora da história, mas vou precisar de falar com ela, não é? Para confirmar que ela é fidedigna.

— Esses documentos são fidedignos. Você não precisa de falar com ela — disse Strike firmemente.

A mulher abalada, embeijada e amargamente traída que ele tinha acabado de deixar não ficaria em segurança sozinha com Culpepper. No seu desejo selvagem de vingança contra um homem que lhe tinha prometido casamento e filhos, causaria danos irreparáveis a si própria e às suas perspectivas de emprego. Strike não demorara muito a obter a sua confiança. Ela tinha quase quarenta e dois anos; pensara que iria ter filhos com Lord Parker; agora, dominava-a uma espécie de sede de sangue. Strike tinha ficado sentado com ela várias horas, a escutar a história da sua paixão, a vê-la

em lágrimas a andar de um lado para o outro na sala de estar da sua casa, a balouçar-se para a frente e para trás no sofá, com os nós dos dedos na testa. Finalmente, tinha acedido àquilo: uma traição que representava o funeral de todas as suas esperanças.

— Você vai deixá-la de fora de tudo isto — disse Strike, com os papéis firmemente agarrados na sua mão em punho, que tinha quase o dobro do tamanho da mão de Culpepper. — Certo? Isto continua a ser uma história do caraças mesmo sem ela.

Após um momento de hesitação e com uma careta, Culpepper cedeu.

— Pronto, está bem. Dê-mos cá.

O jornalista enfiou os documentos num bolso interior do casaco e bebeu o chá de um gole, e a sua irritação momentânea com Strike pareceu desvanecer-se com a gloriosa perspectiva de dismantelar a reputação de um nobre britânico.

— Lord Parker de Pennywell — murmurou todo satisfeito —, estás bem lixado, camarada.

— Suponho que o dono do seu jornal paga isto? — perguntou Strike quando a conta foi pousada na mesa entre os dois.

— Sim, sim...

Culpepper atirou com uma nota de dez libras para a mesa e os dois homens saíram juntos do café. Strike acendeu um cigarro mal a porta do café se fechou atrás deles.

— Como é que conseguiu que ela falasse? — perguntou Culpepper quando começaram a caminhar juntos no frio, passando pelas motorizadas e pelos camiões que ainda estavam a chegar ao mercado e a partir.

— Escutei-a — disse Strike.

Culpepper disparou-lhe um olhar de lado.

— Todos os outros detetives privados a que recorro passam o tempo a fazer escutas telefónicas.

— Isso é ilegal — disse Strike, soprando fumo para a escuridão ténue.

— Então, como é que...?

— Você protege as suas fontes e eu protejo as minhas.

Avançaram cinquenta metros em silêncio, com o coxeio de Strike mais pronunciado a cada passo.

— Isto vai ser uma bomba. Uma bomba — disse Culpepper todo satisfeito. — Aquele velho hipócrita tem andado a denunciar



a ganância das grandes multinacionais e afinal tem vinte milhões bem escondidos nas ilhas Caimão...

— Prazer em poder ajudar — disse Strike. — Mando-lhe a nota de honorários por *e-mail*.

Culpepper lançou-lhe outro olhar de lado.

— Viu o filho do Tom Jones no jornal na semana passada? — perguntou.

— O Tom Jones?

— O cantor galês — disse Culpepper.

— Oh, ele — disse Strike sem entusiasmo. — Eu conheci um Tom Jones no exército.

— Viu a história?

— Não.

— Ele deu uma bela e longa entrevista. Diz que nunca se encontrou com o pai, que nunca teve uma palavra dele. Aposto que recebeu mais do que você me vai cobrar.

— Ainda não viu a minha nota de honorários — disse Strike.

— Só lhe estou a dizer. Uma pequena entrevista e você podia tirar umas noites de folga de interrogar secretárias.

— Vai ter de parar de fazer essa sugestão — disse Strike —, ou eu vou ter de deixar de trabalhar para si, Culpepper.

— É claro — disse Culpepper —, eu podia publicar a história, de qualquer maneira. Filho ignorado por estrela de *rock* é herói de guerra, nunca conheceu o pai, trabalha como detetive pri...

— Dar ordens a alguém para fazer escutas telefónicas também é ilegal, ouvi dizer.

Ao cimo de Long Lane abrandaram o passo e viraram-se para olharem um para o outro. A risada de Culpepper foi nervosa.

— Fico à espera da sua nota de honorários, então.

— Tudo bem.

Partiram em direções diferentes, com Strike a encaminhar-se para a estação de metro.

— Strike! — A voz de Culpepper ecoou na escuridão por trás dele. — Você comeu-a?

— Mal posso esperar para ler a notícia, Culpepper — berrou Strike, enfadado, sem virar a cabeça.

Coxeou para a sombria entrada da estação e Culpepper perdeu-o de vista.

## 2

Quanto tempo temos de lutar? Porque eu não posso ficar,  
nem quero ficar! Tenho outro assunto para tratar.

Francis Beaumont e Philip Massinger,  
*The Little French Lawyer*

O metro já estava a encher-se. Rostos de segunda-feira de manhã: flácidos, macilentos, decididos, resignados. Strike encontrou um lugar em frente a uma jovem loura com os olhos inchados cuja cabeça estava sempre a tombar-lhe para o lado de sono. Uma e outra vez, punha-se direita de repente e perscrutava freneticamente as tabuletas esfumadas das estações, receando ter perdido a sua paragem.

O comboio chocalhava e ribombava, levando Strike a toda a velocidade de volta às parcas duas assoalhadas e meia sob um telhado com mau isolamento a que chamava lar. Nas profundezas do seu cansaço, rodeado por aqueles rostos vácuos, de carneiro, deu consigo a ponderar os acasos que lhes tinham dado vida a todos. Cada nascimento era, devidamente encarado, um mero acaso. Com cem milhões de espermas a nadarem cegamente pela escuridão, as hipóteses de uma pessoa não se tornar ela própria eram gigantescas. Quantas destas pessoas no metro tinham sido planeadas, perguntou-se, estonteado com o cansaço. E quantas, como ele, eram acidentais?

Havia uma menina na sua turma da escola primária que tinha uma mancha da cor de vinho no rosto e Strike sempre sentira uma secreta afinidade com ela, porque ambos traziam algo indelevelmente diferente consigo desde o nascimento, algo que não era culpa deles. Não o viam, mas todas as outras pessoas podiam vê-lo e eram suficientemente mal-educadas para estarem sempre a mencioná-lo.

Acabou por compreender que o fascínio ocasional de estranhos, que aos cinco anos ele achava que tinha algo a ver com o seu caráter único, se devia ao facto de o verem como nada mais do que o zigoto de um cantor famoso, a prova incidental da infidelidade de uma celebridade. Strike só se tinha encontrado com o seu pai biológico duas vezes. Fora preciso um teste de ADN para obrigar Jonny Rokeby a aceitar a paternidade.

Dominic Culpepper era a imagem viva do interesse doentio e das pressuposições com que Strike se deparava nas raríssimas ocasiões em que alguém relacionava o ex-militar de ar arrogante com a estrela de *rock* envelhecida. Os pensamentos das pessoas saltavam imediatamente para fundos fiduciários e belos donativos, para aviões particulares e salas VIP nos aeroportos, para a generosidade de um multimilionário sempre à disposição. Pasmadas com a modéstia da vida de Strike e com as horas excessivas que ele trabalhava, perguntavam a si próprias: o que é que Strike teria feito para antagonizar o pai? Estaria a fingir-se na penúria para sacar mais dinheiro a Rokeby? O que é que tinha feito dos milhões que a sua mãe com certeza tinha sugado ao amante rico?

E nessas alturas Strike pensava com nostalgia no exército, no anonimato de uma carreira na qual o meio do qual se provinha e a família não contavam praticamente para nada ao lado da capacidade de desempenhar as funções atribuídas. Nos tempos do Serviço de Investigação Especial, a questão mais pessoal com que se tinha deparado quando se apresentava era um pedido para repetir o estranho par de nomes que a sua mãe, uma pessoa extravagantemente não convencional, lhe tinha posto.

O trânsito já era bastante intenso ao longo da Charing Cross Road quando Strike saiu do metro. A manhã de novembro estava a romper agora, cinzenta e reticente, cheia de sombras persistentes. Virou para Denmark Street sentindo-se esgotado e dorido, ansioso pelo breve sono que talvez conseguisse dormir antes de o seu cliente seguinte chegar às nove e meia. Com um aceno à funcionária da loja de guitarras, com quem muitas vezes fumava um cigarro na rua, Strike entrou pela porta preta ao lado do Café 12 Bar e começou a subir a escada de metal que subia em caracol à volta da gaiola do elevador avariado. Passou pelo *designer* gráfico no primeiro andar, pelo seu escritório com a porta de vidro gravado no segundo; subiu ao terceiro, o patamar mais pequeno, onde era agora a sua casa.

O inquilino anterior, o gerente do bar lá em baixo, tinha-se mudado para uma zona mais decente, e Strike, que dormia no seu escritório há alguns meses, agarrara a oportunidade de alugar o apartamento, grato por uma solução tão fácil para o seu problema de habitação.

O espaço no apartamento assotado era pequeno por quaisquer padrões, e especialmente para um homem de um metro e noventa. Mal tinha espaço para se virar no chuveiro; a cozinha e a sala de estar eram um só espaço acanhado e o quarto de dormir estava quase completamente ocupado com a cama de casal. Alguns dos bens de Strike continuavam em caixotes no patamar, apesar da interdição expressa do senhorio.

As suas pequenas janelas davam para os telhados, com Denmark Street lá muito em baixo. A batida constante do baixo vinda do bar no rés do chão era tão abafada que muitas vezes a música de Strike a obliterava.

O sentido inato de ordem de Strike era manifesto por toda a casa: a cama estava feita, a louça lavada, tudo no seu lugar. Ele precisava de se barbear e de tomar um duche, mas isso podia esperar; depois de pendurar o sobretudo, programou o despertador para as nove e vinte e estendeu-se na cama completamente vestido.

Adormeceu em segundos e daí a mais alguns — ou assim lhe pareceu — foi acordado de novo. Estava alguém a bater-lhe à porta.

— Desculpe, Cormoran, lamento muito...

A sua assistente, uma jovem alta com cabelo comprido de um louro-arruivado, parecia querer desculpar-se quando ele abriu a porta, mas ao vê-lo ficou com uma expressão abismada.

— Está bem?

— 'Tava a dormir. 'Tive acordado toda a noite... há duas noites.

— Lamento muito — repetiu Robin —, mas são dez menos vinte e o William Baker está aqui e está a ficar...

— Merda — murmurou Strike. — Não devo ter posto o despertador para a hora certa, dê-me cinco min...

— Isso não é tudo — disse Robin. — Está cá uma senhora. Não tem marcação. Eu disse-lhe que o Cormoran não tem vaga para outra cliente, mas ela recusa-se a ir embora.

Strike bocejou e esfregou os olhos.

— Dê-me cinco minutos. Faça-lhes um chá ou coisa do género.

Seis minutos depois, com uma camisa limpa, a cheirar a pasta de dentes e a desodorizante mas ainda por barbear, Strike entrou na sala de espera, onde Robin estava sentada ao computador.

— Bem, mais vale tarde do que nunca — disse William Baker com um sorriso crispado. — A sorte é que tem uma secretária tão bem-parecida, se não eu era capaz de me fartar de esperar e ter ido embora.

Strike viu Robin corar de irritação e virar-se de costas, ostensivamente para organizar o correio. Tinha havido algo inerentemente ofensivo na forma como Baker dissera «secretária». Imaculado no seu fato às riscas, o diretor de empresa contratara Strike para investigar dois dos seus colegas do conselho de administração.

— Bom dia, William — disse Strike.

— Nem uma desculpa? — murmurou Baker, de olhos no teto.

— Olá, quem é a senhora? — perguntou Strike, ignorando-o e dirigindo-se à senhora magra e de meia-idade, com um velho casaco comprido castanho, que estava sentada na borda do sofá.

— Leonora Quine — respondeu ela, no que, ao ouvido treinado de Strike, soava como um sotaque do West Country.

— Tenho uma manhã muito ocupada pela frente, Strike — disse Baker.

Entrou sem ser convidado para o gabinete de Strike. Ao ver que Strike não o seguia, perdeu um pouco do seu à-vontade.

— Duvido que deixassem passar faltas de pontualidade no exército, Mr. Strike. Ande daí, por favor.

Strike não pareceu ouvi-lo.

— O que é que queria exatamente que eu fizesse por si, Mrs. Quine? — perguntou à senhora mal-arranjada no sofá.

— Bem, é o meu marido...

— Mr. Strike, tenho uma reunião daqui a pouco mais de uma hora — disse William Baker mais alto.

— ... a sua secretária disse que não tinha vagas, mas eu disse que esperava.

— Strike! — ladrou William Baker, como se estivesse a chamar o seu cão.

— Robin — rosou o exausto Strike, perdendo a calma por fim. — Faça a conta de Mr. Baker e dê-lhe o dossiê; está atualizado.

— O quê? — disse William Baker, apanhado de surpresa. Voltou a sair para a sala de espera.

— Ele está a despedi-lo — disse Leonora Quine com satisfação.

— Você não acabou o trabalho — disse Baker a Strike. — Disse que havia mais...

— Outra pessoa qualquer pode acabar-lhe o trabalho. Alguém que não se importe de ter parvalhões como clientes.

O ambiente no escritório pareceu ficar petrificado. Com o rosto impassível, Robin tirou o dossiê de Baker do armário de arquivo e entregou-o a Strike.

— Como se *atreve*...

— Há muitas coisas boas nesse dossiê que se podem usar em tribunal — disse Strike, entregando o dossiê ao diretor. — Valem bem o dinheiro.

— Você não acabou...

— Ele acabou *consigo* — atalhou Leonora Quine.

— Nunca se cala? Sua estúpida... — começou a dizer William Baker, mas em seguida recuou de repente quando Strike avançou um meio passo. Ninguém disse nada. O ex-militar parecia subitamente encher o dobro do espaço que ocupava alguns segundos antes.

— Sente-se no meu gabinete, Mrs. Quine — disse Strike em voz baixa.

Ela obedeceu.

— Acha que ela vai ter dinheiro para lhe pagar? — disse William Baker com desdém, a bater em retirada, com a mão agora no puxador da porta.

— Os meus honorários são negociáveis — disse Strike — se eu gostar do cliente.

Seguiu Leonora Quine para o seu gabinete e fechou a porta atrás de si com um estalido.

... deixado sozinho para suportar todos estes males...

Thomas Dekker, *The Noble Spanish Soldier*

— Ele é um parvalhão, não é? — comentou Leonora Quine enquanto se sentava na cadeira em frente à secretária de Strike.

— É — concordou Strike, afundando-se na cadeira em frente a ela. — É mesmo.

Apesar da pele rosada e branca quase sem rugas e do branco límpido dos seus olhos de um azul-pálido, parecia ter cerca de cinquenta anos. Tinha o cabelo grisalho fino e sem vida afastado do rosto e preso com duas travessas de plástico e olhava Strike através das lentes de uns óculos antiquados com uma armação de plástico demasiado grande. O seu casaco, embora limpo, devia ter sido comprado na década de 1980. Tinha chumaços nos ombros e grandes botões de plástico.

— Então está aqui por causa do seu marido, Mrs. Quine?

— Estou — disse Leonora. — Ele desapareceu.

— Há quanto tempo? — perguntou Strike, estendendo a mão automaticamente para um bloco de apontamentos.

— Há dez dias — disse Leonora.

— Já foi à polícia?

— Eu não preciso da polícia — disse ela impacientemente, como se estivesse farta de explicar aquilo às pessoas. — Telefonei-lhes uma vez e toda a gente ficou zangada comigo, porque ele só estava com uma amiga. O Owen desaparece às vezes. É escritor — disse ela, como se isso explicasse tudo.

— Ele já tinha desaparecido outras vezes?

— Ele é emotivo — disse ela com uma expressão deprimida. — Está sempre a ir-se embora, mas já se passaram dez dias e eu sei que ele está realmente perturbado, mas preciso dele em casa agora. Há a Orlando e tenho coisas a fazer e há...

— A Orlando? — repetiu Strike, com a mente cansada só a lembrar-se da estância turística da Florida. Ele não teria tempo para ir à América e Leonora Quine, com o seu casaco velho, indubitavelmente não parecia ter posses para lhe comprar um bilhete de avião.

— A nossa filha, a Orlando — disse Leonora. — Ela precisa que se tome conta dela. Pedi a uma vizinha para ficar lá em casa com ela enquanto vim cá.

Bateram à porta e apareceu a cabeça de Robin.

— Quer um café, Mr. Strike? E a senhora, Mrs. Quine?

Depois de fazerem o seu pedido a Robin e de ela se ter retirado, Leonora disse:

— Não lhe vai tomar muito tempo, porque eu acho que sei onde é que ele está, só que não consigo arranjar o endereço e ninguém me atende as chamadas. Já se passaram dez dias — repetiu — e nós precisamos dele em casa.

Parecia a Strike uma grande extravagância recorrer a um detetive privado nestas circunstâncias, especialmente visto que a sua aparência transpirava pobreza.

— Se é uma simples questão de fazer um telefonema — disse ele delicadamente —, não tem uma amiga ou uma...?

— A Edna não pode fazê-lo — disse ela, e ele sentiu-se desproporcionadamente comovido (por vezes, a exaustão punha-o assim sensível) com a sua admissão tácita de que só tinha uma amiga no mundo. — O Owen pediu-lhes para não dizerem onde ele está. Eu preciso — disse ela simplesmente — de um homem para o fazer. Para os forçar a dizer.

— O nome do seu marido é Owen, é isso?

— É — respondeu ela —, Owen Quine. Ele escreveu *Hobart's Sin*<sup>1</sup>.

Nem o nome nem o título significavam alguma coisa para Strike.

— E acha que sabe onde ele está?

— Acho. Nós estávamos numa festa com uma data de editores e pessoas... ele não queria levar-me, mas vou eu e digo: «Já tenho

---

<sup>1</sup> O Pecado de Hobart. (NT)



*baby-sitter*, vou contigo», e então ouço o Christian Fisher a falar ao Owen dum sítio, dum retiro para escritores. E então perguntei: «Que sítio era aquele de que o Christian te estava a falar?», e o Owen: «Não te digo. A ideia é mesmo essa, uma pessoa pôr-se a milhas da mulher e dos filhos.»

Era quase como se estivesse a convidar Strike a juntar-se ao seu marido e a rir-se dela; orgulhosa, como as mães por vezes fazem de conta que se sentem com a insolência dos filhos.

— Quem é o Christian Fisher? — perguntou Strike, fazendo um esforço por se concentrar.

— É editor. Um tipo novo, à moda.

— Já tentou telefonar ao Fisher e pedir-lhe o endereço do retiro?

— Já, telefono-lhe todos os dias há uma semana e eles disseram que lhe transmitiam a mensagem e que ele entrava em contacto comigo, mas não entrou. Eu acho que o Owen lhe pediu para ele não me dizer onde está. Mas o senhor vai conseguir arrancar a morada ao Fisher. Eu sei que é bom — disse ela. — Resolveu aquela coisa da Lula Landry, quando a polícia não conseguiu.

Uns meros oito meses antes, Strike só tinha um cliente, o seu negócio estava moribundo e as suas perspetivas eram desoladoras. Mas então conseguiu provar convincentemente ao ministério público que uma jovem famosa não tinha cometido suicídio, mas tinha sido empurrada para a morte da varanda de um quarto andar. A publicidade que se seguiu trouxe-lhe uma vaga de clientes; durante algumas semanas, foi o detetive privado mais conhecido na metrópole. Jonny Rokeby transformou-se numa mera nota de rodapé na sua história; Strike tornou-se um nome conhecido por direito próprio, embora um nome que a maioria das pessoas pronunciava incorretamente...

— Há pouco interrompi-a — disse ele, esforçando-se por se concentrar.

— Interrompeu?

— Sim — disse Strike, olhando para as palavras gatafunhadas no seu bloco de apontamentos. — A senhora disse: «Há a Orlando e tenho coisas a fazer e há...»

— Oh, sim — disse ela —, têm acontecido umas coisas esquisitas desde que ele se foi embora.

— Que tipo de coisas esquisitas?

— Merda — disse Leonora Quine num tom terra a terra — pela caixa do correio.

— Alguém meteu excremento na sua caixa do correio? — disse Strike.

— Sim.

— Desde que o seu marido desapareceu?

— Sim. De cão — disse Leonora, e numa fração de segundo Strike deduziu que aquilo se aplicava ao excremento, não ao marido.

— Três ou quatro vezes, à noite. Uma bela coisa para se encontrar de manhã, não acha? E houve uma mulher que veio bater à porta que era esquisita.

Fez uma pausa, esperando que Strike lhe desse uma deixa. Parecia gostar de ser interrogada. Muitas pessoas solitárias, como Strike sabia, achavam agradável ser o foco da atenção total de alguém e procuravam prolongar a nova experiência.

— Quando é que essa mulher lhe veio bater à porta?

— Foi na semana passada. Ela perguntou pelo Owen e, quando lhe disse que ele não estava, retorquiu: «Diga-lhe que a Angela morreu», e foi-se embora.

— E a senhora não a conhecia?

— Nunca a tinha visto.

— Conhece alguma Angela?

— Não. Mas ele tem umas fãs que às vezes se comportam de uma maneira estranha com ele — disse Leonora, subitamente expansiva. — Por exemplo, houve uma que lhe escrevia cartas e mandava fotos de si própria vestida como uma das personagens dele. Algumas das mulheres que lhe escrevem acham que ele as compreende ou coisa do género, por causa dos livros. É uma tolice, não é? — disse ela. — Aquilo é tudo inventado.

— As fãs do seu marido usualmente sabem onde ele mora?

— Não — disse Leonora. — Mas ela podia ser estudante dele ou coisa do género. Ele também dá aulas de escrita criativa às vezes.

A porta abriu-se e Robin entrou com um tabuleiro. Depois de pôr uma chávena de café em frente a Strike e um chá em frente a Leonora Quine, voltou a retirar-se, fechando a porta atrás de si.

— Isso é tudo o que aconteceu? — Strike perguntou a Leonora. — O excremento pela caixa do correio e essa mulher ir lá a casa?

— E eu acho que ando a ser seguida. Uma rapariga alta, morena, com os ombros caídos — disse Leonora.

— É uma mulher diferente da...?

— É, a que foi lá a casa era baixa e gorda. Tinha cabelo ruivo comprido. Esta é morena e, tipo, curvada.

— Tem a certeza de que ela a estava a seguir?

— Tenho, acho que sim. Já a vi atrás de mim umas duas ou três vezes. Não é da zona, eu nunca a tinha visto e já vivo em Ladbroke Grove há uns trinta anos.

— OK — disse Strike lentamente. — Disse que o seu marido anda perturbado? O que é que aconteceu para o perturbar?

— Teve uma discussão de todo o tamanho com a agente dele.

— Sobre o quê, sabe?

— Sobre o livro dele, o último. A Liz, a agente dele, diz-lhe que é a melhor coisa que ele já escreveu e a seguir, aí um dia depois, leva-o a jantar fora e diz que não se pode publicar.

— Porque é que ela mudou de ideias?

— Pergunte-lhe a *ela* — disse Leonora, mostrando-se furiosa pela primeira vez. — É claro que ele ficou incomodado depois disso. Qualquer pessoa ficava. Ele trabalhou naquele livro durante dois anos. Vem-me para casa todo alterado e vai ao escritório dele e pega em tudo...

— Pega em quê?

— No livro, no manuscrito e nos apontamentos e tudo, a praguejar furioso, e mete tudo num saco e sai de casa e nunca mais o vi.

— Ele tem telemóvel? Já tentou ligar-lhe?

— Já, mas ele não atende. Nunca atende, quando sai de casa assim. Uma vez, atirou o telemóvel pela janela do carro — disse ela, mais uma vez com aquela ténue nota de orgulho do temperamento do marido.

— Mrs. Quine — disse Strike, cujo altruísmo necessariamente tinha os seus limites —, vou ser-lhe franco: eu não sou barato.

— Não há problema — disse Leonora, implacavelmente. — A Liz paga.

— A Liz?

— A *Liz*, a Elizabeth Tassel. A agente do Owen. A culpa de ele se ter ido embora é dela. Pode deduzir na comissão. Ele é o melhor cliente dela. Ela vai querer que ele volte quando compreender o que é que fez.

Strike não confiava tanto naquele argumento como Leonora parecia confiar. Pôs três colheres de açúcar no café e bebeu-o, tentando pensar na melhor maneira de avançar. Sentia uma vaga pena

de Leonora Quine, que parecia habituada às birras erráticas do marido, que aceitava o facto de que ninguém se dignava retribuir-lhe as chamadas, que tinha a certeza de que a única ajuda com que poderia contar tinha de ser paga. Para além dos seus modos ligeiramente excêntricos, havia uma honestidade truculenta nela. No entanto, ele tinha passado implacavelmente a só aceitar casos lucrativos desde que o seu negócio recebera um incentivo inesperado. As poucas pessoas que lhe tinham vindo com histórias comoventes na esperança de que as suas próprias dificuldades pessoais o predispusessem a ajudá-las sem lhes cobrar honorários tinham-se ido embora dececionadas.

Mas Leonora Quine, que tinha bebido o seu chá tão depressa como Strike emborcara o café, já estava de pé, como se tivessem chegado a acordo sobre as condições e tudo estivesse combinado.

— É melhor eu ir andando — disse ela —, não gosto de deixar a Orlando sem mim muito tempo. Ela sente a falta do pai. Eu disse-lhe que vou arranjar um homem para ir procurá-lo.

Strike tinha recentemente ajudado várias mulheres jovens e ricas a livrarem-se de maridos da City que se tinham tornado muito menos atraentes desde a crise financeira. Havia algo que lhe agradava em voltar a juntar marido e esposa, para variar.

— Está bem — disse, bocejando enquanto empurrava o bloco de apontamentos na direção de Leonora. — Vou precisar dos seus contactos, Mrs. Quine. Uma fotografia do seu marido também daria jeito.

Ela escreveu a morada e o número de telefone numa letra arredondada e infantil, mas o seu pedido de uma fotografia pareceu surpreendê-la.

— Para que é que precisa de uma fotografia? Ele está naquele retiro de escritores. Basta-lhe obrigar o Christian Fisher a dizer-lhe onde é.

Saiu porta fora antes de Strike, cansado e dorido, conseguir sair de detrás da secretária. Ele ouviu-a dizer despachada a Robin: — Obrigadinha pelo chá — e a seguir a porta de vidro que dava para o patamar abriu-se de repente e fechou-se com um leve estremeamento e a sua nova cliente desapareceu.